

AS AMBIGUIDADES DE RAIMUNDO NINA RODRIGUES: NOTAS SOBRE A PRESENÇA NEGRA NOS TRÓPICOS¹

Silvano Fidelis de Lira²
Gervácio Batista Aranha³

Raimundo Nina Rodrigues faz parte de um grupo expressivo de intelectuais brasileiros que, a partir da segunda metade do século XIX e início do XX, colocaram o tema da raça e da presença negra nos trópicos como um tema a ser discutido em seus estudos. Nascido em Vargem Grande, Estado do Maranhão, pode ser considerado como o fundador da antropologia criminal brasileira e pioneiro dos estudos sobre a cultura negra no território brasileiro. Nina Rodrigues não teve formação em história, é possível que tenha lido alguma coisa, mas é considerado como um historiador da presença negra no Brasil, isso se dá por seus variados estudos sobre o tema, que compõem grande parte de seus trabalhos.

Médico de formação começou o seu curso de medicina na Bahia, mas o concluiu no Rio de Janeiro em 1888, coincidentemente, ano em que seria promulgada a Lei Áurea, dando liberdade aos negros escravizados e iniciando um logo processo de marginalização e exclusão, a liberdade dada aos negros no alvorecer da República parece ter sido mais anulamento do passado escravista, sem nenhuma preocupação com os destinos daquela gente. Suas pesquisas focaram principalmente nas influências que a raça tem sobre as condições sociais, psicológicas e a conduta do indivíduo (RODRIGUES, 2006).

No campo da Criminologia, Nina Rodrigues entendia que a mistura de raças, que acreditava ele seria muito bem identificada no Brasil, seria uma questão propícia para o crime, uma análise que passava por questões sociológicas e biológicas, em síntese, seus estudos postulavam que a mistura, que a miscigenação seria um primeiro e decisivo passo

¹ O texto é fruto das discussões travadas dentro das atividades do Grupo de Estudos e Pesquisa “Teoria e História da Historiografia”, coordenado pelo Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha, e que tem suas atividades no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande.

² Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba e mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: silvanohistoria@gmail.com.

³ Doutor em História pela UNICAMP e professor da Unidade Acadêmica de História e do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: gbaranha@bol.com.br.

para a degeneração do sujeito, dessa mistura de sangue, sairia homem inclinado ao crime, inferior em tudo aos demais.



Nina Rodrigues.
Bico-de-pena de S. M. Lima. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

É importante destacar que o pensamento de Nina Rodrigues, sobretudo a sua relação com a Eugenia, que ganha espaço na Europa no final do século XIX e início do século XX, está ligado ao desenvolvimento de ideias que eram importadas da Europa e socializada entre os círculos intelectuais brasileiros⁴, que muitas vezes, como aconteceu com o autor em questão, visitavam a Europa para realizar estudos chegando, inclusive a colaborar com periódicos e revistas científicas, mantendo um profícuo debate com as concepções científicas que se desenvolviam no além mar.

Sua maior influencia é sem dúvidas o médico italiano Cesare Lombroso (1835-1909), relação que lhe rendeu a alcunha de “Lombroso dos Trópicos”. Na Europa, Lombroso desenvolveu teorias para explicar e identificar quem é um criminoso nato, ou

⁴ Para se compreender como se formam esses grupos intelectuais no Brasil, e precisamente no Rio de Janeiro, capital do Império brasileiro, acreditamos que é de fundamental importância a leitura do livro de Lillian Moritz Schwarcz, em quem a autora propõe um panorama dos estudos e perspectivas científicas que vinham da Europa e se instauravam no Brasil, e aqui se materializam em museus, em institutos de pesquisa histórica, etc. Cf. SCHWARCZ, Lillian Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

seja, o agente que nasceu para cometer crimes por causa dos seus traços físico fisionômicos.

De acordo com os estudos e pesquisas de Lombroso, um criminoso nato poderia caracterizado pela identificação e análise dos traços anatômicos do seu corpo, como, formato e tamanho do crânio, o formato do rosto e do nariz, etc., estando cada um deles associado a um comportamento criminoso ou socialmente inadequado, seriam, então, as características físicas que identificariam o criminoso. Mas, não se trata apenas de reconhecer o criminoso, mas de elaborar, também, as práticas punitivas mais eficazes. O conhecimento desses traços seria fundamental para determinar as leis, os tipos de punição e as políticas de combate e prevenção à criminalidade. As concepções lombrosianas foram, inclusive, utilizadas para legitimar a inferioridade de determinados grupos durante os fenômenos de intolerância que assolaram o mundo durante o século XX, os judeus por exemplo, foram considerados inferiores por apresentarem características físicas destoantes da raça pura ariana.



Representações dos tipos humanos que, segundo os estudos lombrosianos, seriam criminosos natos.
Disponível em: http://www.iconica.com.br/wp-content/uploads/2009/10/Cesare-Lombroso_O-homem-criminal-18761.jpg. Acesso em 22/11/2014 às 21hs15min.

Influenciado pelos resultados dessas pesquisas, e por ter uma relação estreita com a medicina legal, Nina propôs uma reformulação do conceito de responsabilidade penal, que

deveria ser determinada em função da raça do agente criminoso. Resumidamente Nina Rodrigues não foi um simples estudioso o que ele chamava de “problemas do negro” no Brasil e da influência das culturas africanas sobre a cultura nacional, mas o criador de uma escola sobre esses temas, conquistando com sua morte um grande número de seguidores, que levaram adiante seus estudos, e criando uma “Escola”, onde seus ensinamentos foram tomados como verdadeiros ditos de um grande mestre. Morreu em Paris, no ano de 1906. Entre os seus livros mais conhecidos e citados estão: “*As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*” (1894), “*O animismo fetichista dos negros da Bahia*” (1900) e “*Os africanos no Brasil*” (1906), este organizado por seus colaboradores mais próximos, logo após a sua morte.

O mérito de Nina Rodrigues está em sua contribuição e esforço de interpretação da nação, no entendimento da presença negra nos trópicos, no caso do Brasil, de suas especificidades, não se pode negar o esforço de pesquisa e sua originalidade em implantar, no Brasil, as teorias darwinistas que ganhavam corpo da Europa. Afrânio Peixoto, um dos principais interlocutores do pensamento de Nina Rodrigues⁵, diz que seu mestre:

“estudou, observou e experimentou o Brasil, coisas brasileiras; eis a sua originalidade. Com trabalho assíduo, uma pertinácia de esforço erudito e inteligente conseguiu, sobre muitos destes assuntos, noções claras e indagações perfeitas eis o seu mérito”.

Contudo, dada a vastidão de sua obra, optamos pela análise de apenas uma de suas obras, no caso, a obra póstuma, “*Os africanos no Brasil*”. Acreditamos que esta obra pode ser utilizada como uma exemplificação de seu entendimento sobre o negro, e o que ele chama já nas primeiras páginas de seu livro de “problema do negro no Brasil” (p, 1). Além disso, é possível identificar em sua escrita certa “ambiguidade” em falar dos negros escravizados, hora defendendo-os e saindo em defesa de sua condição, hora os classificando como seres destinados ao sistema escravista, por serem inferiores, biologicamente e socialmente.

O nosso principal objetivo é investigar as ambiguidades de Raimundo Nina Rodrigues, especificamente sobre a presença negra nos Trópicos. Segundo o autor, o negro,

⁵ Cf. Notas bibliográficas de Nina Rodrigues, escritas por Fernando Sales, no fim do livro “*Os africanos no Brasil*”, pp, 277-283..

embora tenha dado expressivas contribuições para a formação da sociedade brasileira, contribuíram para a nossa inferioridade enquanto povo, a mistura de raças, observada no Brasil, seria a causa da degenerância e conseqüentemente de uma série de crimes e anomalias observadas entre os brasileiros.

A raça negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que cercou o revoltante abuso da escravidão, por mais que revelem os maiores turiferários, há de constituir sempre em um dos fatores de nossa inferioridade como povo (RODRIGUES, 1982, p, 7).

Também influenciado pelos ventos do saber que vinham da Europa, o autor não deixa de expressar suas esperanças em um pretense branqueamento da nação, ideia defendida por muitos intelectuais brasileiros no século XX, alguns estipulando, inclusive um “prazo” final para o processo⁶. Para Nina Rodrigues o branqueamento é a culminância de um processo rumo à construção de um Brasil branco, livre do sangue negro, a mestiçagem seria, então, um meio caminho nesse processo, para que tivéssemos uma raça pura, forte seria possível o branqueamento integral do povo brasileiro. Para o autor, “Os negros existentes se diluirão branca estará tudo terminado” (RODRIGUES, 1982, p, 5).

Reconhecemos que fornecer uma interpretação direta é, de fato, uma operação difícil, e até mesmo impossível, trata-se de um personagem permeado de contradições e paradoxos, o que em momento algum cria uma desinteresse por sua obra, ao contrário, o texto de Nina Rodrigues é um texto bastante interessante, pois não se limita a informar, mas com um rigor teórico-metodológico que é, relativamente, raro entre seus contemporâneos. Ele mistura, em sua escrita, empiria e uma pesquisa científica de fôlego, trazendo para o texto elementos, documentos que possivelmente seriam negligenciados por outros pesquisadores.

O pensamento de Nina Rodrigues não é fácil de ser apreendido em função de seus paradoxos e contradições que só uma leitura atenta de seus trabalhos pode revelar. De um lado, não se pode negar que ele aceitou os dogmas e as teses do darwinismo social e da antropologia criminal, por outro lado, adotou-as em relação à realidade brasileira fazendo muitas vezes uma releitura das teses raciais chegando mesmo, em alguns casos, a contestá-las com base

⁶ Nos referimos a

em uma pesquisa empírica (pesquisa científica) (FARIAS FILHO, 2012, p.39).

A criação de uma escola de pensamento baseada em seus estudos se dá, a nosso ver, por dois claros motivos; o primeiro deles é que Nina Rodrigues foi capaz de traduzir para a realidade do Brasil concepções científicas que nasceram e tiveram êxito na Europa, em um contexto claramente diverso, um segundo motivo é que este estudioso abriu possibilidades para que outros viessem a adentrar num ciclo de debates novo, sua interlocução com Sílvio Romero, a quem faz várias referências em “Os africanos no Brasil”, é um exemplo disso, ele foi capaz de formar um grupo de pensamento, que reuniu predecessores, a exemplo de Sílvio Romero, e outros que viriam em seguida.

Parece que é no Sr. Dr. Sílvio Romero⁷ que ele encontra inspiração para tratar o negro como um “objeto de ciência” (p, 16). É um pequeno trecho de sua obra que abre o livro sobre a presença dos africanos no território brasileiro, trecho situado em “*Estudos sobre a poesia popular do Brasil*”, de 1988, poderíamos dizer que é uma justificativa para o que se lerá nas páginas seguintes, ora, se era um objetivo dos cientistas e pesquisadores entender a psicologia social – termo bastante usado por Nina Rodrigues – do negro, era preciso que esse estudo começasse aqui mesmo.

É uma vergonha para a ciência do Brasil que nada tenhamos consagrado em nossos trabalhos um estudo das línguas e das religiões africanas. [...] nós que temos o material em casa, que temos a África em nossas *cozinhas*, como a América em suas *selvas*, e a Europa em nossos *salões*, nada havemos produzido neste sentido. É uma desgraça. [...] O negro não é só uma máquina *econômica*; ele é antes de tudo, e malgrado sua ignorância, um objeto de ciência. (*Grifos do original*).

O pequeno trecho de Sílvio Romero, citado no livro⁸ de Nina Rodrigues como uma epígrafe, é bastante significativo por vários motivos, o principal deles está bastante explícito, o negro e sua cultura (no caso há uma defesa clara do estudo das línguas

⁷ É dessa forma que Nina Rodrigues se refere em um primeiro momento à Sílvio Romero, cf. *Os africanos no Brasil*, p, 16.

⁸ Fica difícil afirmar se a escolha do trecho para as primeiras páginas do livro tenha sido uma escolha do autor, tendo em vista que a obra em questão é na verdade uma obra organizada e publicada logo após a sua morte por colaboradores mais próximos, contudo, não deixa de ser um trecho interessante e com uma ligação direta com as concepções assumidas no decorrer do livro.

provenientes de várias regiões e grupos étnicos da África). Mas o que chama a atenção é a divisão social clara, os negros ocupariam as *cozinhas*, os americanos (os povos indígenas) ocupariam as *selvas* e por fim, os europeus, que por serem “civilizados” de “raça pura” ocupariam os *salões*, espaços de civilidade e de sociabilidade, muitas vezes, ciclos do saber e de efervescência social e cultural. Nina Rodrigues, não por coincidência também irá propor essa divisão para a sociedade brasileira, a mistura delas causaria a imperfeição, a degeneração e conseqüentemente sujeitos inclinados ao crime, à desordem social, sujeitos imperfeitos:

Raças identificadas no Brasil, segundo Nina Rodrigues		
Branca (Europeus e seus descendentes que não passaram pela miscigenação).	Negra (Africanos e seus descendentes)	Vermelha (Indígenas)

Quadro 1 – As três raças segundo Nina Rodrigues.

Mais adiante, precisamente no quinto capítulo, página 122, o autor retoma o claro feito por Sílvio Romero pela necessidade de se estudar as “línguas africanas faladas pelos escravos pretos”, Romero ainda se angustiava por ver grupos inteiros de africanos padecerem sob o sistema escravista sem que fossem vistos pelos intelectuais como “objetos de ciência”. Missão essa que foi, em grande medida assumida por Nina Rodrigues, que publicou um “vocabulário das línguas africanas faladas no Brasil” (pp, 143-146), reunindo 122 termos, de “céu” até “castigo” Nina Rodrigues organizou o termo e a tradução em cinco línguas da seguinte forma: *Português* → *Grunce* → *Jeje* → *Haussá* → *Kanúri* → *Tapa*. Assim, classificou alguns termos da língua desses homens pretos, colocando-os entre o “céu” e o “castigo”.

No estudo empreendido não é apenas a língua que entram no quadro de estudos, na verdade Nina Rodrigues nos apresenta um estudo bastante aprofundado da presença negra nos trópicos. Um estudo seminal sobre o tema que lhe consagraria como um dos percussores do assunto, embora seus objetivos estivessem mais relacionados com a medicina e a medicina legal, ele não deixou passar despercebidas temáticas como a

religiosidade, os costumes alimentares dos negros no Brasil, talvez o interesse por esboçar uma psicologia social do negro o fizesse adentrar por essas veredas.

O livro, *“Os africanos no Brasil”* está organizado em nove capítulos quem tem como fio condutor a presença negra nas terras brasileiras, os temas, contudo são diversos, é como uma grande síntese que abarca desde a diáspora até o que o autor chama de “sobrevivência psíquica”, momento em que aparece mais claramente as suas concepções de médico criminalista.

A grande preocupação dos dois primeiros capítulos é fazer um mapeamento das regiões africanas de onde vieram os primeiros africanos para o Brasil, assim, o autor chega a uma primeira hipótese de suas pesquisas; a de que a população negra no Brasil, em meados do século XIX era muito superior em termos numéricos, a partir disso, acredita o autor identificar um, “amplo e franco mestiçamento” (p, 13). Uma das primeiras explicações para essa superioridade do número de negros é a organização do modelo de colonização aqui implantando, modelo que passou, imediatamente pós-colonização a utilizar a mão de obra escrava, empreendendo assim o grande tráfico.

Tendo pesquisado documentos referentes ao tráfico, o autor traz inclusive números para o seu texto. Segundo sua produção, isso é um grande esforço para mostrar, cientificamente, que o negro está presente no Brasil em maior número, o que pode aumentar o número de crimes e delitos, tendo em vista que são um povo inferior, que seria sufocado pelo branco, chegando a desaparecer. O Brasil caminharia para ser uma nação de povo branco.

No ano de 1828, foram importados no Brasil 430 601 e nos seis primeiros meses de 1829, 23 310. [...] ... As nações africanas mais utilizadas no Rio de Janeiro são: os benguelas, os minas, os ganguelas ou banguelas, os minas-nejôs, mina-maí, os sás, rebolas, caçanjes, minas-cavalos, cabindas água doce, cabindas massudás, congos, moçambiques (p, 35).

“A raça negra, que havia argamassado com o seu suor os alicerces econômicos de nossa civilização e independência” (p, 15), essa raça predominante, deveria se extinguir no futuro, o mestiçamento daria lugar a um novo povo. Os aspectos religiosos desses grupos de africanos se constitui em outro ponto que é de bastante interesse para Nina Rodrigues, a exemplo disso podemos destacar as suas considerações a respeito da devoção a Nossa

Senhora do Rosário, culto que teve bastante difusão entre os escravizados no Brasil, formando inclusive irmandades em que se reproduziam as organizações sociais dos reinos africanos, nessa devoção era bastante comum a escolha e a coroação de um rei, concedendo-lhe uma dignidade e honra simbólica.

Contudo, é no quinto capítulo que Nina Rodrigues apresenta-nos um esboço de suas pesquisas voltadas para a questão da religiosidade negra. “*Sobrevivências religiosas: religião, mitologia e culto*” que em nota o autor diz que é “um estudo psicológico do sentimento religioso dos negros no Brasil”⁹. Aqui ele lista uma expressiva quantidade de práticas religiosas e de cultos presentes entre os negros, ressaltando aspectos como a adaptação de práticas religiosas a um contexto e a um espaço completamente diferindo do africano, no Brasil os cultos africanos foram revestidos de outros símbolos, outros signos, o que mais tarde será chamado, de forma bastante genérica e simplista de sincretismo religioso. De 1986 até 1905, Nina Rodrigues seleciona uma quantidade de recortes de jornais do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco sobre cerimônias, batuques, candomblés e outras manifestações religiosas ligadas ao povo negro.

Há ainda uma série de manifestações culturais dos africanos no Brasil listadas pelo autor, quase sempre observadas não por um olhar que desejasse entender a cultura negra nos trópicos, o olhar de Nina Rodrigues sobre esse povo e suas práticas não era um olhar que buscava perceber as novas configurações culturais de uma cultura “destruída pela escravidão”, como se referirá o autor ao falar daquela gente, o olhar que ele lança está em busca do fenômeno psicológico. Seja analisando as festas populares, as procissões, os coroamentos, ou mesmo, os contos populares, sua atenção para uma psicologia popular, aspectos do comportamento e da organização social. Ele está em busca de expressões que venham a confirmar suas concepções, queria confirmar o darwinismo científico. Seria a raça negra de fato inferior? Seria ela solapada pela força branca, a ponto de seu desaparecimento?

Suas descrições muitas, ou quase sempre, fazem com que o leitor ponha-se num lugar de dúvidas, de questionamentos sobre a escrita. Não como compreender o pensamento de Nina Rodrigues como algo assertivo, fixado em um lugar. Tem este autor um texto ambíguo, cheio de dúvidas e incertezas. Se em determinados momentos a sua

⁹ Cf. Nota 1, capítulo VII.

escrita parece compadecida com essa gente, em outros momentos percebemos um claro elogio à escravidão, ao processo de animalização a qual os pretos escravizados foram submetidos dentro das senzalas das grandes fazendas.

Não é, pois, concepção teórica, toda especulativa e não demonstrada, de sua incapacidade absoluta dos negros, que prece preocupar os povos, como o brasileiro, que, com a escravidão africana, receberam e incorporaram em sua formação étnica doses colossais de sangue negro. O que importa ao Brasil determinar quanto de inferioridade lhe advém da dificuldade de civilizar-se por parte da população negra que possui e se de todo fica essa inferioridade compensada pelo mestiçamento, processo natural porque os negros se estão integrando no povo brasileiro, para a grande massa de sua população de cor (RODRIGUES, 1982, p, 264).

Geralmente os textos de História buscam apresentar uma resposta ao seu final. É costume um texto de História apresentar uma conclusão acerca do tema do qual discorreu por páginas a fio. Mas, se a leitura de “*Os africanos no Brasil*” não oferece uma resposta clara sobre o posicionamento de Raimundo Nina Rodrigues sobre a escravização dos africanos, especificamente no Brasil, não nos é possível fechar esse ciclo de dúvidas, somente a leitura atenta de sua obra é capaz de nos fazer solucionar pontos de dúvida, permanece, portanto, as ambiguidades, e acompanhando elas as interpretações formuladas por cada interprete de sua obra. Assim como, ao buscarem interpretar Gilberto Freyre chegaram a inúmeras versões, a inúmeras dúvidas, na certa acontecerá o mesmo com Nina Rodrigues. Permanece o problema da interpretação da presença negra nos trópicos.

REFERÊNCIAS:

FARIAS FILHO, Antonio Vitorino. Nina Rodrigues, os africanos no Brasil e a formação da nacionalidade brasileira: uma interpretação. **Revista Historiar**, Vol. 4, n. 7, Ano 2012. p, 37-49.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Ed. Universidade de Brasília, 1982.

_____. **As coletividades anormais**. Brasília: Senado Federal, 2006. (Edições do Senado Federal).

SCHWARCZ, LÍlian Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.